

O pensamento de Luc Ferry sob a perspectiva espírita: aspectos destacados

Ricardo de Moraes Nunes

O Espiritismo também se enquadra como uma doutrina de salvação, sob a perspectiva apontada por Luc Ferry, pois enfrenta o problema da finitude terrena e nos oferece um sentido para que possamos viver sem medo da morte. Não a salvação tradicionalmente defendida pelas religiões, mas a possibilidade de alcançar o que os antigos chamavam de “sabedoria”, já neste mundo. Não se confundindo com as religiões, a filosofia espírita irá postular não apenas a esperança, mas, sobretudo, a convicção na vida após a morte, fundamentada no mais puro rigor do raciocínio livre e também na observação da ampla gama de fenômenos naturais proporcionados pela mediunidade.

Introdução

Luc Ferry é um filósofo francês contemporâneo que tem se destacado no cenário filosófico internacional com a publicação de várias obras, nas quais expõe seu pensamento filosófico. Foi ministro da Educação na França. É um filósofo que tem tentado construir um novo humanismo em contraposição ao materialismo contemporâneo, que tem sua inspiração em Nietzsche, Marx e Freud, os chamados “filósofos do martelo”, os quais se empenharam em desconstruir o edifício ideológico do humanismo tradicional.

Para Luc Ferry, a liberdade é o “excesso”, que retira o homem do mundo meramente natural, constituindo-se em um aspecto de transcendência do homem em relação à natureza, é aquilo que o diferencia dos demais seres.

Ferry busca recuperar a ideia de transcendência de valores como verdade, justiça, beleza e amor. No entanto, em sua opinião, esses valores não estão presentes fora do homem em algum mundo das ideias platônico. Segundo afirma, descobrimos estes valores em nosso próprio íntimo, na imanência de nossa própria consciência e não podemos olvidá-los.

Luc Ferry busca, também, resgatar a ideia do sagrado, o qual não estaria mais em Deus, mas no homem. Afirma que o europeu de hoje dificilmente daria a sua vida por Deus, pela pátria ou

pela revolução, mas o faria para defender a sua liberdade ou a vida dos que ama, e, por estas razões, seria capaz de se dar em sacrifício.

Postula, que ao longo do processo histórico, tivemos um movimento de humanização do divino, como foi o caso da declaração dos direitos do homem que, segundo sua maneira de ver, nada mais é do que um cristianismo secularizado.

Por outro lado, afirma que atualmente vivemos um momento de sacralização do humano, pois segundo afirma textualmente: *“agora é para o outro homem que podemos, eventualmente, aceitar a assumir riscos” e nos darmos em sacrifício.*

Finalmente, Luc Ferry resgata uma visão de filosofia como sabedoria de vida, no sentido de que a filosofia pode ter um sentido maior para a vida do homem, no sentido de levá-lo a uma vida mais feliz e harmoniosa.

Filosofia, Religião e Salvação

Luc Ferry afirma em sua obra *“Aprender a viver – filosofia para os novos tempos”* que, em seu curso de filosofia, aprendeu que a filosofia se tratava simplesmente da *“formação do espírito crítico”*, tendo aprendido, também, que a filosofia seria *“um método de pensamento rigoroso”* e até mesmo uma *“arte da reflexão”*.

Porém, desde a época de sua juventude, costumava questionar que biólogos, artistas, físicos, jornalistas e matemáticos também possuem *“espírito crítico”*, também *“pensam com rigor”* e *“exercitam a arte da reflexão”*. Assim, afirma que sempre teve dificuldade em compreender o que diferenciava a filosofia das outras disciplinas, pois esta explicação não o satisfazia, pois não via nestas definições a característica essencial da filosofia.

Neste sentido, diz Luc Ferry: *“Uma das principais extravagâncias do período contemporâneo é reduzir a filosofia a uma simples reflexão crítica ou ainda a uma teoria da argumentação”*. Afirma que, certamente, a reflexão e a argumentação são importantes como meios para a filosofia atingir outros fins, mas, segundo ele, não podemos definir a filosofia por estas características.

Sugere nosso pensador que esqueçamos esta definição de filosofia e indaga: *Qual seria então a questão central de toda filosofia?* O próprio filósofo responde: *“o ser humano, diferentemente de Deus, se é que ele existe, é mortal ou, para falar como os filósofos, é um*

“ser finito”, limitado no espaço e no tempo. Mas diferentemente dos animais, é o único que tem consciência de seus limites. Ele sabe que vai morrer e que seus próximos, aqueles a quem ama, também. Ele não pode, portanto, evitar interrogar-se sobre essa situação que, a priori, é inquietante, até mesmo absurda e insuportável”.

Nesta linha de raciocínio, Ferry busca recuperar a tradição filosófica clássica que entende a filosofia como uma espécie de “*educação para a morte*”, a fim de que possamos, a partir desta compreensão, viver melhor em termos práticos e enfrentar nossos medos, inclusive, o medo da finitude existencial.

O problema da morte

Segundo Luc Ferry, a equação do problema da morte está diretamente ligada ao prazer de viver, pois como dizia Lucrécio: *“É preciso, antes de tudo, expulsar e destruir esse medo do Aqueronte (o rio dos infernos) que, penetrando até o fundo de nosso ser, envenena a vida humana, colore todas as coisas do negror da morte e não deixa subsistir prazer límpido e puro”.*

É curioso observarmos que alguns filósofos na antiguidade tentaram desviar o homem do problema da morte de uma forma um tanto sofisticada. Epicuro, por exemplo, assim se manifestava sobre este tema: *“Portanto, o mal que mais nos atemoriza, ou seja, a morte é nada para nós, a partir do momento que, quando vivemos, a morte não existe, e quando, ao contrário, existe a morte, nós não existimos mais”.*

No mundo contemporâneo, o homem tenta jogar a morte para debaixo do tapete sem mais refletir sobre ela, o que importa é viver. Afinal, não estamos mais na Idade Média, época em que a preocupação central do homem era a salvação de sua alma e o mundo terreno era considerado um deplorável “vale de lágrimas”, do qual se esperava escapar por ocasião da morte.

A cultura ocidental do século XXI, de índole materialista, capitalista, consumista, e hedonista, foge como o “diabo foge da cruz” do problema da morte. O que importa é aproveitar o hoje, o

agora, o prazer sensorial do momento. O homem é um “boneco de carne” que se desagregará definitivamente no túmulo. Portanto, “carpe diem”!!!

De fato, existe uma tendência nas sociedades contemporâneas de mascarar a morte, como se morrer fosse algo inadequado, fora de contexto, absurdo. Aliás, Freud, um dos demolidores das ilusões metafísicas, materialista de carteirinha, e profundo inspirador das ideologias materialistas contemporâneas, já dizia sobre a lucidez daquele que se indaga sobre o problema da morte: *“Quando começamos a nos colocar questões sobre o sentido da vida e da morte, estamos doentes, pois nada disso existe de modo objetivo”*.

Apesar deste estado de coisas, indaga Luc Ferry: *“Mas sem os mitos, o que nos resta a dizer e a pensar diante do absurdo do luto? Quando se vai a um enterro, porém, ao pé do muro e junto do caixão, um constrangimento toma conta dos espíritos. O que dizer à mãe que perdeu a filha ou ao pai em lágrimas?”*

Segundo Luc Ferry, as religiões foram destronadas pela crítica filosófica moderna e pós-moderna. Vivemos atualmente sem as chamadas “ilusões” metafísicas, no entanto, não conseguimos colocar nada mais confortador no lugar das antigas crenças, apesar da vitória de Freud e outros demolidores de ilusões, ficamos com um gosto amargo na boca.

Entretanto, a morte continua sendo o problema central da vida humana, e Ferry afirma que a verdadeira missão da filosofia é “salvar” o homem da angústia e do medo da morte, o que faz a filosofia confinar com a religião, que também tem este objetivo de salvação.

Quanto a questão da “salvação” afirma o filósofo francês: *“Abra um dicionário e verá que “salvação” designa primeiramente e antes de tudo “o fato de ser salvo, de escapar a um grande perigo ou a uma grande desgraça”. Muito bem. Mas de que catástrofe, de que perigo medonho as religiões pretendem nos fazer escapar? Você já sabe a resposta: é da morte, sem dúvida, que se trata. Eis por que todas elas vão se esforçar, de diferentes formas, para nos prometer a vida eterna, para nos garantir que um dia reencontraremos aqueles que amamos – parentes e amigos, irmãos e irmãs, esposos e esposas, filhos e netos, dos quais a existência terrestre, inelutavelmente, vai nos separar.”*

No entanto, as religiões tentarão salvar o homem do medo da morte pela fé em Deus, ou seja, o homem será “salvo” pela fé em um outro, já a filosofia, tentará “salvar” o homem do medo da morte pelo uso da própria razão, sem intervenção de Deus. Neste sentido, argumenta Ferry: *“Em outras palavras, se as religiões se definem com doutrinas da salvação por um Outro, pela*

graça de Deus, as grandes filosofias poderiam ser definidas como doutrinas da salvação por si mesmo, sem a ajuda de Deus”.

O verdadeiro filósofo, segundo esta perspectiva, substituirá a fé cega pela lucidez: *“O filósofo é antes de tudo aquele que pensa que, se conhecemos o mundo, compreendendo a nós mesmos e compreendendo os outros, tanto quanto nossa inteligência o permite, vamos conseguir, pela lucidez, e não por uma fé cega, vencer os nossos medos”.*

Segundo Luc Ferry, permeando esta discussão entre fé e razão, entre filosofia e religião, existe outra discussão, não menos importante, entre a chamada humildade religiosa e a não menos discutida vaidade filosófica. Certamente que, para a religião, a fé é, por natureza, uma crença que independe de racionalizações, ao contrário da razão que, por natureza, é questionadora, inquiridora.

Esta característica de questionamento, própria da natureza da razão, faria do filósofo, segundo alguns religiosos, um ser arrogante, pretensioso e com falsa noção de autonomia, enquanto o verdadeiro religioso teria as virtudes contrárias da humildade e da submissão a Deus, sem questionamentos, sem murmurações, em plena obediência aos desígnios divinos, os quais geralmente não compreende, porém aceita.

Esta questão da humildade dos religiosos versus o orgulho dos filósofos, esteve presente nas reflexões dos cristãos, pais da Igreja, quando comparavam a exigência de obediência absoluta exigida pela revelação cristã, com a autonomia investigativa postulada pela filosofia grega. Neste sentido é a reclamação de Santo Agostinho: *“Inchados de orgulho pela alta opinião que têm de sua ciência, eles não ouvem o Cristo quando diz: aprendei de mim porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para vossas almas”.*

Sendo assim, para Luc Ferry, haverá dois caminhos para acalmar as angústias da existência: o caminho da religião e o da filosofia. O primeiro nos propõe a fé cega e a confiança no amparo de Deus e o segundo a lucidez da razão, e a confiança em si mesmo. Mas, o próprio pensador francês indaga: *“Por que não aceitar com humildade e submeter-se com fé às crenças religiosas? Afinal, a fé também dá segurança”.*

Diz ele, que é muito difícil conciliar a idéia de um Deus Pai com as desgraças que se abatem sobre a humanidade e indaga: *“Que pai deixaria seus filhos no inferno de Auschwitz, de Ruanda, do Camboja? O Que dizer das milhares de criancinhas martirizadas durante esses crimes ignóbeis contra a humanidade?”*

Por outro lado, afirma que a religião em troca de acalmar nossas angústias, exige o sacrifício de nossa liberdade de pensamento: *“Porque, de certa forma, ela sempre exige em troca da serenidade que pretende oferecer que, num momento ou noutro, a razão seja abandonada para dar lugar a fé, que se ponha termo ao espírito crítico para que se aceite acreditar. Ela quer que sejamos, diante de Deus, como crianças, não adultos em que ela não vê, afinal, senão arrogantes raciocinadores”*.

Finalmente, Luc Ferry irá defender que a Filosofia é uma busca de salvação sem Deus, para aqueles que não conseguem acreditar no dogma, afinal, para o importante filósofo francês contemporâneo: *“filosofar, mais que acreditar, é, no fundo, pelo menos do ponto de vista dos filósofos, já que o dos crentes é, com certeza, diferente, preferir a lucidez ao conforto, a liberdade à fé. Trata-se, em certo sentido, é verdade, de “salvar a pele”, mas não a qualquer preço”*.

O Espiritismo e o problema da morte

Entendemos que muitas das características da ideia de filosofia em Luc Ferry também podem ser encontradas no Espiritismo. Podemos dizer que o Espiritismo também mantém uma afinidade com as religiões, pois também tem como um de seus temas fundamentais o problema da morte. Na verdade, não foi à toa que Kardec via no Espiritismo *“um poderoso auxiliar das religiões”*.

Aliás, a questão central da filosofia espírita é o problema da morte. O Espiritismo estuda a morte para entender o sentido da vida. Segundo Allan Kardec: *“Vivemos, pensamos e operamos – eis o que é positivo. E que morremos, não é menos certo. Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Ser ou não ser, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada: Vivemos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese, essa, que se impõe”*.

A verdade, é que Allan Kardec se debruçou sobre o abismo da morte em uma pesquisa inédita, na qual entrevistou aqueles que atravessaram a barreira do túmulo e se encontraram ainda vivos, perfeitamente pensantes e atuantes, em outra dimensão existencial.

Segundo Herculano Pires: *“Quem primeiro cuidou da Psicologia da morte e da Educação para a morte, em nosso tempo, foi Allan Kardec. Ele realizou uma pesquisa psicológica exemplar sobre o fenômeno da morte. Por anos seguidos, falou a respeito com os espíritos de mortos.*

E, considerando o sono como o irmão ou primo da morte, pesquisou também os espíritos de pessoas vivas durante o sono”.

No entanto, a crítica que Luc Ferry faz às religiões é absolutamente pertinente, e pretendemos demonstrar aqui, que o Espiritismo como “*filosofia espiritualista*”, se insere dentro das características gerais da ideia de filosofia defendida pelo ilustre filósofo francês contemporâneo, porém com algumas singularidades.

O Espiritismo, tal qual a proposta de filosofia de Luc Ferry, não aborda o problema da morte através do dogma, da supremacia da revelação sobre a razão, como fazem as religiões. O fato é que Allan Kardec, já ao seu tempo, havia percebido que as religiões se mostravam impotentes para combater a incredulidade crescente, a qual exigia razões para crer e não a mera fé em postulados dogmáticos.

Diz Allan Kardec a respeito da religião: “*O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura antes de crer, é, sem dúvida a sanção de suas doutrinas por fatos positivos, assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da ciência. Dizendo ela ser branco o que os fatos dizem ser negro, é preciso optar entre a evidência e a fé cega*”.

Segundo Herculano Pires: “*as religiões podiam ter prestado um grande serviço à humanidade se houvessem colocado o problema da morte de forma natural. Mas, nascidas da magia e amamentadas pela mitologia, só fizeram complicar as coisas. A mudança simples de que falou Victor Hugo transformou-se, nas mãos de clérigos e teólogos, numa passagem dantesca pela “selva selvaggia da Divina Comédia*”.

Allan Kardec, ao seu tempo, opta, portanto, pela “*lucidez*” (sirvo-me de um termo de Luc Ferry) na abordagem do problema da morte, e tal “*lucidez*” passa por duas instâncias: a da racionalidade e da observação de determinados fatos empíricos, mais tarde chamados de fatos espíritas, metapsíquicos ou paranormais, entre outros termos das modernas ciências psíquicas.

Sobre este tema diz Allan Kardec: “*É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visível e tangíveis a alma e a vida futura*”.

Em verdade, a “lucidez” pretendida pelo Espiritismo é de tal ordem que a doutrina de Kardec pretende abolir de vez o conceito de maravilhoso e sobrenatural, nas chamadas questões da alma, as quais foram tradicionalmente tratadas pelas religiões sob uma aura de mistério.

Neste sentido, é ainda Allan Kardec que nos fala: *“os fenômenos espíritas bem como os magnéticos, devem ter passado por prodígios, antes que suas causas fossem conhecidas. Ora, como os céticos, os espíritos fortes, isto é, os que tem o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não creem que uma coisa seja possível desde que não a compreendem. Por isso os fatos tidos como prodigiosos são objeto de suas zombarias: e como a religião contém grande número de fatos desse gênero, não creem na religião. Daí a incredulidade absoluta há apenas um passo. Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser. Ele, pois, vem em auxílio à religião demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não mais terem caráter miraculoso, não são menos extraordinários, e Deus nem é menos grande, nem menos poderoso por não haver derogado as suas leis”*.

No entanto, as religiões não quiseram este “auxílio” do Espiritismo e continuaram a tratar as questões do ser, do homem e do mundo sob o ponto de vista da fé, do dogma, da revelação que se sobrepõe a razão. A ideia do miraculoso e do sobrenatural não está morta no século XXI, apesar de seu notório desprestígio nos campos da ciência e da filosofia.

Finalmente, a “lucidez” do Espiritismo é de tal ordem, que Allan Kardec pretende que a doutrina espírita acompanhe o progresso das ciências, sob pena de ficar para trás no desenvolvimento cultural e científico da humanidade: *“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”*.

Há alguns anos, o Dalai Lama afirmou que se a ciência provasse que a reencarnação não existe, o budismo aceitaria esta descoberta da ciência. Na época, houve várias manifestações na imprensa aplaudindo tal afirmação do grande mestre budista. No entanto, devemos fazer justiça a Allan Kardec que, em meados do século XIX, fez uma declaração semelhante no que diz respeito ao Espiritismo, o que demonstra que o mestre lionês já possuía uma visão progressista e antidogmática, no que diz respeito à convicção nos postulados espíritas.

O Espiritismo, diferentemente de Luc Ferry, é uma filosofia que postula a existência de Deus

O Espiritismo postula a existência de Deus na famosa definição contida em “O livro dos Espíritos”: *“inteligência suprema causa primária de todas as coisas”*. O Espiritismo chega a defender que podemos falar em provas da existência de Deus, sendo que nesta mesma obra constatamos a seguinte observação de Kardec: *“ Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da criação. O universo existe; ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa, e avançar que o nada pode fazer alguma coisa”*.

Já o pensamento de Luc Ferry não procura defender a existência de Deus, pois toda a transcendência que postula é a chamada “transcendência na imanência”, conceito complexo, que não procuraremos desenvolver aqui, mas que por ora basta sabermos que o importante filósofo francês não busca nada fora do mundo para explicar o mundo.

Na verdade, Ferry busca construir uma filosofia sem Deus, pois tem dificuldade em aceitar a existência de um Ser Supremo, é o que afirma: *“pouco crível a imagem de um Deus que seria como um pai para os filhos. Como conciliá-la com a insuportável repetição dos massacres e das desgraças que se abatem sobre a humanidade: que pai deixaria seus filhos no inferno de Auschwitz, de Ruanda, do Camboja. O que dizer das milhares de criancinhas martirizadas durante esses crimes ignóbeis contra a humanidade”*.

E conclui; *“Ele (o filósofo) não supõe necessariamente que eles (os crentes em Deus) estejam errados, que sua fé seja absurda, ainda menos que a inexistência de Deus seja certa. Como, verdade seja dita, se poderia provar que Deus não existe? Simplesmente não há fé, ponto final”*.

Sobre as “provas” da existência de Deus

Podemos dividir o questionamento de Luc Ferry e de outros pensadores ateus ou agnósticos a respeito de Deus, em duas questões fundamentais: A primeira questão é a que indaga da possibilidade ou não de se fazer prova a respeito da existência de um Ser Criador e a segunda é a da compatibilização da existência do mal no mundo com a ideia de um Deus justo e bom. São questões altamente difíceis.

Em primeiro lugar, entendemos que já passamos da época de pensarmos que podemos fazer “prova” da existência de Deus, afinal Deus, caso exista, não é um objeto de estudo que pode ser colocado em um laboratório para a pesquisa científica. Tomás de Aquino, na Idade Média, falava em “*provas da existência de Deus*”, postulação que entendemos ser equivocada e anacrônica nos dias de hoje, pois o termo “prova” tem acepção própria no campo das ciências.

No entanto, sempre fica a grande e enigmática pergunta feita pelos pensadores de todos os tempos: Por que o ser e não apenas e simplesmente o não ser?

A verdade, é que a razão, com todas as suas virtudes, defeitos e limitações, nos leva a uma inferência e a uma intuição lógica de que do nada, nada pode surgir. Em termos lógicos, como poderá a desordem explicar a ordem, e a inconsciência explicar a consciência. Afinal, como poderia uma casual e aleatória grande explosão, desordenada e caótica, como toda explosão, como é o caso da hipótese científica do big bang, produzir a vida organizada e funcionalmente inteligente?

E mais, como explicar que esta vida organizada e funcionalmente inteligente, no caso específico deste planeta Terra, tenha passado por um processo evolutivo de transformação, dos seres simples ao seres complexos, até chegar ao homem com seu cérebro e inteligência?

Como conciliar Deus com o mal no mundo?

A dificuldade em responder esta questão levou muitos ao ateísmo, pois, efetivamente, é muito difícil conciliarmos a ideia de um Deus Pai, bom, justo e amoroso, com as tremendas provações que o homem sofre no mundo. Todos os dias assistimos, nos noticiários da TV e em nosso cotidiano, o sofrimento humano: sofrem crianças, sofrem idosos, sofrem trabalhadores, pessoas honestas, enfim, todos sofrem, seja pela ação humana ou pelas forças naturais.

Quantos morreram na última catástrofe natural? Quantos morrem nos assaltos cotidianos das grandes cidades do Brasil e do mundo? Quantas crianças que desde o berço já trazem doenças terríveis? Quantos são vítimas inocentes das guerras desencadeadas pelos homens que exercem equivocadamente o poder?

Enfim, a lista de sofrimentos humanos é infinita e é por isso que se pergunta o filósofo: Como conciliar todo este mal existente no mundo com a fé em um Deus Pai? Eis a complexa e difícil

questão que tem levado muitos à negação da ideia de Deus, ao ateísmo, ou pelo menos ao agnosticismo.

Em primeiro lugar façamos um raciocínio lógico.

O fato da atuação divina não se encaixar na ideia que o homem tem de Deus não implica necessariamente na sua inexistência. Aliás, pode ocorrer que o entendimento humano sobre a divindade seja equivocado, sendo esta a razão pela qual não conseguimos entender os fatos acima mencionados, os quais se referem ao sofrimento humano.

De fato, observamos que na história da humanidade o homem teve diferentes ideias a respeito da divindade. O homem já adorou as pedras, os animais, a natureza, enfim desde os tempos primitivos teve diferentes concepções do divino.

Em nossa cultura ocidental prevalece a visão judaico-cristã do divino. A visão judaica de Deus transferiu-se, com algumas singulares transformações, para o cristianismo, e foi aceita durante milênios pelo mundo ocidental.

O deus bíblico é um deus que pune e premia. Que recebe oferendas e sacrifícios. Que protege alguns e condena outros. Enfim, é um deus arbitrário, que usa de seu poder a bel prazer, cabendo a nós homens, criaturas maculadas desde a origem pelo pecado original, apenas tentar aplacar a ira divina e, quem sabe, conseguir alguma proteção, algum favor, como súditos humilhados perante o todo poderoso rei.

Este Deus está morto para o homem esclarecido do século XXI, pois não condiz com as exigências da razão madura dos homens e mulheres do mundo contemporâneo. Como imaginar um Deus exclusivista, de um único povo, que protege e condena de forma pessoal?

Para o Espiritismo o divino se comunica com o mundo através da lei natural. Na questão 633 do Livro dos Espíritos, os colaboradores extrafísicos de Allan Kardec afirmam: *“A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem escutasse, em todas as coisas, essa voz que diz: Chega! Evitaria a maior parte dos males de que acusa a Natureza”*.

Segundo Jaci Régis, pensador espírita brasileiro: *“A Lei natural exprime a sabedoria divina, com mecanismos extremamente competentes, estabelecendo o ritmo e a sucessão dos fatores com o fim de equacionar, no universo energético, tanto quanto no universo inteligente, o princípio do equilíbrio. Atuando através da lei de causa e efeito ou ação e reação, ferramenta de busca do equilíbrio, pela reciprocidade dos fatores. A ação da Lei está presente tanto no*

princípio e manutenção dos fatores físicos, como determina, orienta e conduz o desenvolvimento do ser inteligente”.

Mas, ainda fica a pergunta como conciliar esta ideia de um Deus que se exprime através da Lei Natural com o problema do mal no mundo, do sofrimento, afinal, não nos ensinaram que Deus é Amor? Como aceitar e explicar o silêncio de Deus em resposta às preces dos que sofrem e pedem ajuda?

Neste tema, precisamos realmente construir um novo entendimento sobre a divindade que possa ir além da concepção judaico-cristã. No Espiritismo, como vimos, temos elementos para esta nova visão de Deus, a partir da ideia de “Inteligência suprema e causa primária”, bem como através do conceito de lei natural como instrumento de atuação do divino.

Entendemos que Jaci Régis teve uma excelente intuição sobre este tema, diz ele: *“A decepção provém do que se fala e diz sobre o amor de Deus. A natureza não é lírica, mas objetiva, eficiente. Todavia não é perfeita. Esse paradoxo precisa ser entendido: a imperfeição dentro da perfeição. Ou seja, a perfeição absoluta atribuída à divindade comporta a imperfeição dinâmica dos processos evolutivos. Um novo pensar sobre Deus nos conduz à compreensão de que a dinâmica da vida, em qualquer dos setores em que se manifesta, prima pela criação de ambientes de oportunidade, seleção e superação. Podemos questionar porque as coisas são assim. Todavia elas são assim. Todas as afirmativas das igrejas referem-se ao amor de Deus ao indivíduo. Sua misericórdia e seu extremo cuidado com a pessoa. De fato, o universo gira em torno do amor, no sentido de prodigalizar meios e formas de oferecer ao Espírito humano o acesso ao seu equilíbrio interno e nas relações com o outro, isto é, seja feliz. O novo pensar sobre Deus pensa que o objetivo da vida é a felicidade. A inteligência divina proporciona meios para isso, no tempo, através da lei da evolução. A singularidade individual se envolve no processo para adquirir a sua própria identidade como ser único, imortal, progressivo, atemporal”.*

Teoria, Ética e Salvação

Luc Ferry defende o resgate de uma certa forma de ver a filosofia. Segundo ele, toda grande filosofia importante do mundo, todo grande sistema filosófico, apresenta três aspectos fundamentais: a teoria, a ética, e a salvação.

A teoria, segundo ele, seria aquilo que descreve o campo de jogo. Esta descrição seria feita através das ciências que nos auxiliam a conhecer o mundo como ele é.

A ética, por sua vez, diz respeito às regras do jogo que devemos jogar com nossos semelhantes, que também vivem neste mundo.

E, finalmente, nos diz que toda grande filosofia é uma espécie de soteriologia, ou seja, uma doutrina da salvação, de sabedoria prática, que nos auxilia a enfrentar a finitude terrena, a morte, sempre através da lucidez e não da fé e, portanto, nos ensina a viver bem.

O Espiritismo de Allan Kardec também possui uma teoria que busca conhecer racionalmente o mundo. A diferença, é que a teoria espírita, engloba, em sua explicação do mundo, os fatos que dizem respeito a mediunidade e a paranormalidade. Tais fatos encontram-se na natureza desde a origem do homem sobre a terra e, normalmente, têm sido negligentemente desprezados pela ciência e filosofia contemporâneas. O Espiritismo não comete este erro.

O Espiritismo possui uma ética. A ética espírita decorre de uma visão prática fundamentada nas condições de felicidade e infelicidade dos desencarnados, que podem ser rigorosamente observadas nas comunicações mediúnicas. A ética espírita ensina também que nosso modo de viver produz efeitos em nossa vida, em nossa subjetividade, em nossa condição feliz ou infeliz, seja aqui, no mundo terrestre enquanto encarnados, ou no mundo espiritual, enquanto desencarnados.

Finalmente, podemos dizer que o Espiritismo também se enquadra como uma doutrina de salvação, sob a perspectiva apontada por Luc Ferry. O Espiritismo enfrenta o problema da finitude terrena e nos oferece um sentido para ela de forma a que possamos viver sem medo da morte. Não se trata aqui da ideia de salvação tradicionalmente defendida pelas religiões, mas sim da possibilidade de alcançar o que os antigos chamavam de “sabedoria”, já neste mundo.

Por um outro lado, e aí assim tangenciando, porém não se confundindo com as religiões, a filosofia espírita irá postular não apenas a esperança, mas, sobretudo, a convicção na vida após a morte. Esta convicção, proporcionada pelo Espiritismo, está fundamentada no mais puro rigor do raciocínio livre e também na observação da ampla gama de fenômenos naturais proporcionados pela mediunidade.

Na verdade, o Espiritismo vai além da fé e procura, dentro de um espírito contemporâneo de pesquisa e racionalidade, demonstrar suas teses.

Por fim, podemos concluir que a filosofia espírita nos auxilia a enfrentar o temor da morte e nos ajuda a viver melhor, na medida em que valoriza a vida terrena como oportunidade imprescindível de aperfeiçoamento do espírito. Além disso, nos convida a desenvolver um sentido de espiritualidade, através do qual o homem reverencia a vida e o mundo como um bem, como um valor, que devem ser amados e preservados. E, finalmente, o Espiritismo nos oferece novas perspectivas para a pesquisa do problema da morte, coisa que a filosofia de Luc Ferry não faz.

